

PREFÁCIO

FORMAÇÃO, REDES E PRODUÇÃO DE SAÚDE; EDUCAÇÃO PERMANENTE EM MOVIMENTO

Esta coletânea desenvolve reflexões sobre dois temas importantes e bastante contemporâneos: a educação permanente e a produção de conhecimentos em redes. Utiliza como suporte a política nacional e os dados levantados nas equipes de saúde da família pela pesquisa de avaliação externa do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ – AB). Além de ensaios a partir da experiência de produção em rede das diversas instituições e grupos de pesquisa que se envolveram na cooperação universidade/sistema de saúde denominada Rede Governo Colaborativo em Saúde, liderado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os dois temas centrais, em verdade, podem ser expressos pelo primeiro: a educação permanente em saúde. Em todos os textos que compõem a coletânea, a educação permanente funciona como *dispositivo*, explicitamente reconhecido ou não. A expressão “dispositivo” está sendo usada aqui não no sentido do senso comum, mas como algo “que faz funcionar” o desenvolvimento do trabalho no cotidiano de sistemas e serviços de saúde. Num conjunto de

textos, trata-se da aprendizagem mobilizada pelos problemas do mundo do trabalho, que, por sua vez, mobiliza e desenvolve o trabalho no interior dos serviços e sistemas de saúde na direção apontada pelos princípios e pelo ideário que embasam o sistema de saúde no Brasil. Há atualidade e contemporaneidade aqui na perspectiva da necessidade de mudanças no trabalho em saúde para que possa recheiar as novas modalidades de serviços constituídos na política nacional, responder aos desafios dos sistemas e serviços de saúde no nosso tempo, conectar processos em rede para avançarmos na integralidade do cuidado, transformar a gestão, tornar o cotidiano do trabalho em aprendizagem, integrar a atenção, a gestão, o ensino e a participação. Além de tantos outros, grande parte dos quais já apontados nas políticas do Sistema Único de Saúde.

Há outro grupo de artigos que põe o pensamento em diálogo com um conceito de “produção em rede” que, para além da riqueza da diversidade de abordagens e meios de desenvolver conceitual e analiticamente as redes às quais os textos se referem, também merecem destaque por abordar a educação permanente, mas de forma diferente dos demais. A primeira diferença é que, nesse caso, a educação permanente parece atuar mais silenciosamente, sendo pouco apontada como conceito de construção das ideias apresentadas pelos diferentes textos e, certamente, pouco reconhecida nas práticas referidas nos textos. Mas a produção em redes científicas também diz respeito à produção de conhecimentos. Reconhecê-la como trabalho parece ser muito oportuno, nesse caso, porque permite atravessá-lo por análises às quais comumente o ensino e a pesquisa são imunes. O grau de implicação do ensino e da pesquisa com as políticas de saúde e a conexão deste com o desenvolvimento dos sistemas de saúde são apenas dois exemplos de questões que se tornam mais visíveis quando o ensino e a pesquisa são analisados como trabalho. Tomados pelo

que tem de trabalho, os processos de ensino e de produção de conhecimento podem ser postos em análise e desvelar lógicas que os politizam e que permitem tecê-los em outras redes de interesse. Essa é a forma mais potente de operação da educação permanente quando compreendida como abordagem de aprendizagem no cotidiano do trabalho.

A segunda diferença é relativa aos efeitos da educação permanente nesses processos. E a abordagem da produção científica em rede, particularmente o ensino e a pesquisa, que envolvem docentes, pesquisadores e estudantes, põe em questão os modos de fazer que operam nas instituições; nesse caso, também as conexões com o sistema de saúde. Reflexões constituídas em torno das experiências compartilhadas de ensino e pesquisa analisam o cotidiano institucional, as escolhas teóricas e metodológicas, os “usos” que as instituições fazem das evidências do cotidiano dos sistemas locais de saúde, as conexões entre o cotidiano e a aprendizagem.

Queremos destacar aqui que, ao analisarem o cotidiano das instituições, também examinam questões relevantes para pensar no trabalho realizado no interior dessas instituições. E geram um efeito de desenvolvimento em, pelo menos, duas direções: de aproximação com os sistemas locais de saúde e seus serviços; e de produção de uma inteligência na gestão de métodos e técnicas de fazer, seja o fazer pedagógico ou o fazer na saúde. Esse é um dos principais desafios para a aproximação necessária entre ensino e serviços: colocar em análise os modos como são feitos o ensino e a pesquisa que, de um modo geral, ainda estão muito distantes das necessidades dos sistemas de saúde e das pessoas e coletividades. Ao colocar esses modos em análise, torna-se mais visível a distância e também os obstáculos e desafios a serem superados no cotidiano. Há aqui uma grande contribuição à política de educação permanente, que é a de cons-

truir pontes entre as instituições de ensino e pesquisa e os serviços e sistemas. Com dois pontos de contato principais: a aproximação da produção de conhecimentos e tecnologias; e os espaços onde esses circulam. E, principalmente, pesquisas e ensino produzidos com metodologias que partem da reflexão sobre o cotidiano e que geram uma aprendizagem nos atores envolvidos, dando significado e ampliando a capacidade desses de interagir e transformar o cotidiano. Essa foi uma consequência importante do PMAQ-AB e que começa a ganhar um pouco mais de visibilidade, quando optou por mobilizar instituições acadêmicas para a parceria de sua realização. Efeito muito potente, uma vez que se desdobrou em um itinerário mais comum, conduzido pelas ações regulares do projeto realizadas por todas as instituições, e um itinerário mais singular e vivo fruto de diversos desdobramentos construídos na interação com os sujeitos sociais dos municípios e serviços visitados. Mas, sem nenhuma dúvida, constituiu pontes entre as práticas de ensino e as práticas de atenção/gestão/formação/participação numa área muito cara às políticas de mudança no ensino e de transformação de modelos tecnoassistenciais, que é a atenção básica, envolvendo instituições de grande tradição no ensino da saúde e docentes/pesquisadores/estudantes. Pontes que podem constituir-se em educação permanente e que, nos exemplos analisados, fazem-no de formas bastante criativas.

Um terceiro aspecto, próximo do descrito anteriormente, mas mais específico, é uma característica que transparece ora pelos aspectos da aproximação entre instituições, ora pelos núcleos de conhecimentos e práticas que caracterizam os grupos de participantes das diferentes instituições. Aqui as pontes que interessa destacar não são do tipo educação/trabalho em saúde, mas interinstitucionais e interdisciplinares. Tampouco essas produções são irrelevantes – ao contrário –, se considerarmos as lógicas vigentes

de fragmentação (disciplinar, institucional) e especialização (de conhecimentos e práticas) e o quanto essas lógicas operam no meio acadêmico e são nocivas para o trabalho em contextos de complexidade, como é o caso da saúde.

Por isso dissemos inicialmente que os textos que compõem esta coletânea são representativos dos desafios da educação permanente, considerada como política para o SUS. Na medida em que representa um modo de ensinar e aprender articulado no mundo do trabalho e/ou um certo modo de gerir a educação como parte de um movimento de mudança tanto do trabalho na saúde quanto dos sujeitos que o praticam. Mas, além dos desafios, temos também ofertas de análises que tratam de situações vividas e aprendidas, compostas por experiências individuais e coletivas, dos grupos envolvidos e das instituições participantes. Ou seja, auxiliam não apenas na identificação desses desafios, como também apresentam subsídios teóricos e metodológicos para reflexão em novas experiências. Como toda a iniciativa realizada, as experiências relatadas também têm contribuição pedagógica de construir novos possíveis para a educação permanente em saúde, na rede ensino-serviços em que é necessário transformar o SUS. Ainda é preciso inventar dispositivos para fazer a aproximação avançar, tornando sempre mais íntimos os vértices do quadrilátero atenção/gestão/formação/participação e captando os movimentos de mandala que este apresenta no cotidiano do trabalho. Desenvolver formas complexas de pensamento para compreender com maior densidade a complexidade da produção das saúdes das diferentes gentes e produzir mais integralidade no cotidiano. Essa é a contribuição da educação permanente em saúde que os textos da coletânea alocam ao debate contemporâneo.

Mas o objetivo do prefácio não foi esgotar a análise dos textos tornados disponíveis para a leitura. O objetivo

talvez tenha sido provocar o desejo de interação com os textos que seguem, dando o testemunho do quanto eles operaram e seguem operando e abrindo novas reflexões nesses leitores. Por isso, finalizamos este prefácio com o desejo de boa e produtiva leitura para todos e todas, tendo certeza de que contribuirão para enriquecer e potencializar a reflexão, o trabalho e a ação de mudança que lhes implicam.

Hêider Aurélio Pinto
Alcindo Antônio Ferla